

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434

DOI: <https://doi.org/10.71263/4h7f4h45>

MEMORIAL FILOSÓFICO: REFLEXÃO SOBRE AS PERDAS, OS MEDOS E AS POSSIBILIDADES.

Rodrigo de Jesus Pereira¹

RESUMO: O presente trabalho é um memorial filosófico, que apresenta uma trajetória marcada e influenciada pelas raízes rurais e quilombola do autor, bem como oferece uma perspectiva sobre os processos próprios da vida, os quais são marcados por constantes transformações e desafios. O objetivo do trabalho é mostrar um percurso de vida atravessado por dores e alegrias reais e apontar como a Filosofia pode ser uma constante companheira na

¹ Discente do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROFFILO)- no Instituto Federal do Sertão Pernambucano- Campus Petrolina Zona Rural. E-mail: digomatinha@gmail.com ORCID: 0009-0002-8283-4537

jornada de entendimento do mundo. Ademais, o fazer docente e as suas mais diversas faces são importantes combustíveis para a construção profissional e social do autor em questão. Outro ponto de extrema importância é a jornada da pesquisa, que se faz a partir da inquietação, da busca e da incompletude. As perspectivas teóricas aqui trabalhadas têm íntima relação com as produções hobbesianas e foucaultianas, especialmente com os conceitos de *Medo* e de *Poder Disciplinar*. Longe de uma perspectiva idealizada, o intuito deste trabalho é apresentar filosoficamente os elos de uma trajetória marcada por medos, perdas, possibilidades e abertura para a pesquisa.

Palavras-chave: raízes; medo; docência; pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

Me chamo Rodrigo de Jesus Pereira, sou brasileiro, com as cores e os tons próprios da Bahia, mas com uma especificidade: nasci e vivi grande parte da minha vida em uma comunidade rural e quilombola. Resolvi começar por esse ponto, pois tal fato é de suma importância para toda a minha vida posterior. As raízes e os ensinamentos da minha comunidade me acompanham e me acompanharão pelos caminhos que percorrerei no curso da minha existência. Feita essa ressalva, cumpre dizer que sou

Re(senhas)

natural da cidade de Feira de Santana- BA, e o desenrolar da minha vida se deu em grande parte na comunidade quilombola de Matinha dos Pretos.

Minha trajetória é marcada pela busca de novos caminhos e pela inquietação física e mental. O chacoalhar das minhas ideias me impulsionam a desbravar, a conhecer e a experimentar. Estabelecer tal postura diante da vida nos apresenta uma infinidade de elementos positivos e motivadores, mas nos põe frente a frente com obstáculos e dificuldades múltiplas.

Da minha infância, na última década do século passado, à minha trajetória profissional atual, vários altos e baixos se apresentaram. Alguns golpes duros, bem como o cheiro encantado de alguns momentos ajudaram a formar o que sou e como penso. Movido pelo que falta, pelo não compreendido, me permito a passar por novas experiências que me enriquecem como humano e pesquisador.

2 A COMUNIDADE E OS SEUS LAÇOS

“A mão que enfrentava a labuta do roçado. É a mesma que fazia o som do pandeiro. A

Re(senhas)

voz que no domingo entoava a cantoria. Na segunda aboiava o gado no barreiro.²
(GRUPO QUIXABEIRA DA MATINHA)

No início da década de 1990, na comunidade da Matinha dos Pretos, nasci. Alguns anos antes a comunidade havia recebido energia elétrica, lembro desse fato, porque a minha tia sempre me dizia: você nasceu numa época boa, já tínhamos luz elétrica. De maneira metafórica ou literal, esse fato sempre teve uma importância na minha história, visto que, mesmo tendo luz elétrica em casa, ainda na infância acompanhei as dificuldades de pessoas de outras comunidades que ainda não tinham passado pelo processo de eletrificação; e no desenrolar da minha trajetória pensei nesse processo de maneira alegórica, como a possibilidade de enxergar além, fora das possibilidades aparentes, fora do caminho feito pela maioria. Pensar na energia elétrica de forma

² Trecho da música Tributo a Coleirinho, do grupo cultural Quixabeira da Matinha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gEIpOoQeJ7w>

metafórica é, para mim, a abertura para enxergar novos caminhos, novas possibilidades.

Poucas são as minhas memórias da primeira infância, mas as que me restam estão ligadas às brincadeiras ao entardecer, às boas conversas ao pé do fogão à lenha da minha vó e, infelizmente, à precariedade e às faltas existentes na minha casa, as quais eram comuns em quase todas as casas da comunidade. É necessário pontuar, entretanto, que nem só de falta vivia a Matinha dos Pretos. O samba, elemento estruturante da comunidade, sempre esteve presente nas festas, nos rituais, na escola e na praça. É extremamente potente o quanto esse ritmo consegue unir, alegrar e movimentar o lugar, mesmo diante dos inúmeros desafios diários.

A potência dos versos acima citados aponta para o entrelaçamento entre as dificuldades do trabalho e as possibilidades de produzir arte, não uma arte apartada do cotidiano, mas uma arte imbricada entre a dinâmica de vida do artista e a sua produção; uma arte que emerge da aridez da prática, que mistura o artista e o humano.

Dentro da sua formulação de arte relacionada à experiência da vida, Dewey afirma:

A arte, portanto, prefigura-se nos próprios processos do viver. [...] A arte é a prova viva e concreta de que o homem é capaz de restabelecer, conscientemente e, portanto, no plano do significado, a união entre sentido, necessidade, impulso e ação que é característica do ser vivo. (Dewey, 2010, p.92-93)

A proposta apresentada por Dewey aponta para a arte como uma forma de enriquecimento das experiências do mundo, como um elemento entrelaçado com a vida e as suas produções, não como algo externo, afastado e desvinculado do viver. A arte é, portanto, um modo de comunicação da vida e, diferentes discursos artísticos, expressam diferentes experiências de vida.

Afastada de um formalismo erudito e de uma perspectiva mercadológica, a experiência de arte produzida pelo grupo cultural Quixabeira da Matinha, emerge das práticas diárias e históricas, dos modos de vida, trabalho e convivência que atravessam a comunidade. A potência dos versos e o toque envolvente dos tambores exalam uma história de

resistência e superação de um povo que aprendeu a resistir ao tronco, à chibata e a todos os horrores da escravidão³. Nesse sentido, as letras e os sons produzidos formam um grito artístico de busca por liberdade e reconhecimento de direitos e, além disso, homenageia antepassados que foram massacrados por uma estrutura social violenta, autoritária e insensível, a qual permitiu a escravidão e reproduz até hoje diante de uma das suas principais consequências, a saber, o racismo.

Dentro desse contexto social, aos seis anos iniciei minha trajetória como aluno, numa escola que leva o nome do meu avô e que está situada ao lado da casa dos meus pais. Anos depois, meu pai doou o terreno para a construção da segunda escola da comunidade, a qual situa-se do outro lado da casa da nossa família. Desse modo, ficamos literalmente entre duas escolas, algo que

³ Para mais informações sobre o tema, consultar a dissertação de Mestrado intitulada: Memória e história quilombola: experiência negra em Matinha dos Pretos e Candeal (Feira de Santana). Desenvolvida na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Trabalho construído por Railma dos Santos Souza.

posteriormente percebi como traço fundamental da minha relação com o conhecimento.

Fiz o ensino fundamental 1 e 2 na minha comunidade e esse período ocorreu sem muitos percalços. A minha relação com a escola era ótima e eu sentia prazer em estar naquele ambiente. Tudo mudou, entretanto, quando ingressei no ensino médio, pois precisei ir para uma escola da zona urbana, que ficava a 17 quilômetros da minha casa. Novos colegas, novos professores, e o trajeto difícil contribuíram para uma relação problemática com a nova escola. Acordar mais cedo, chegar em casa mais tarde e ter que sair das aulas antes do final para pegar o ônibus escolar eram coisas que diariamente iam minando a minha vontade de estudar. Por razões óbvias, o meu rendimento caiu e os problemas se avolumaram. Mesmo diante de tais condições, consegui concluir o ensino médio (a duras penas).

3 UMA NOVA JORNADA

Re(senhas)

Depois de alguns anos afastado dos espaços de educação formal, resolvi prestar vestibular para a Universidade Estadual de Feira de Santana, uma decisão amplamente influenciada pela minha namorada à época, hoje minha esposa. A parte um pouco cômica dessa história é que omiti para quase todos a graduação que eu pretendia fazer. Quando saiu o resultado e com a minha consequente aprovação, tive que revelar a todos que iria cursar Filosofia. O espanto foi geral! Minha mãe se preocupava com o fato de eu virar ateu; meu pai, por outro lado, preocupava-se com o que eu trabalharia depois de formado, muitos outros me questionavam: e isso serve pra que mesmo? A grande verdade é que não tinha resposta para ninguém, nem para mim mesmo, eu só queria encarar a nova jornada, sem saber ao certo onde poderia chegar. Assumi o lugar do errante.

Já nas aulas da graduação pude perceber um mundo novo. O primeiro semestre foi marcado pelo deslumbramento; era gostoso estar naquele ambiente, as aulas e os textos me faziam viajar em uma realidade antes impensada. Tudo ali era mágico, potente e

intenso. Com as primeiras avaliações, tive a primeira mostra que, além de prazerosa, a universidade tem o seu lado duro, complicado e doloroso. Os anos sem estudar estavam cobrando o seu preço. Se fazia necessário aprender a aprender naquele novo ambiente, descobri que o que eu estava fazendo não era o suficiente. Tal constatação não é agradável, mas se revelou um caminho frutífero, porque a descoberta da insuficiência me impulsionou para tentar mais, a querer mais e a escolher melhores caminhos.

Na aridez da jornada, a *Fortuna*⁴ resolveu me sorrir, e isso ocorreu em forma de amizades. Pessoas que eu conheci no ambiente acadêmico e que literalmente me apresentaram os caminhos e pacientemente me ajudaram a superar as minhas dificuldades. Meu gás foi renovado e eu já não me sentia tão só naquele ambiente desafiador.

⁴ O filósofo moderno Nicolau Maquiavel, na obra *O Príncipe*, define *Fortuna* como elemento ligado ao acaso e à aleatoriedade e *Virtu* como elemento ligado à habilidade e competência política. Não utilizo aqui tais conceitos dentro de uma perspectiva política, mas como elementos que remetem, respectivamente, à sorte e ao aprimoramento.

Mas, como bem apontou Maquiavel, além da fortuna, é necessário ter *Virtu*. E creio que a vontade de melhorar todo dia, a disposição para leitura de textos quase incompreensíveis e a paciência para suportar a exigência dos professores, geraram em mim uma espécie de *Virtu*, não a relacionada à política e a arte de governar, descrita por Maquiavel, mas uma força para me aprimorar todo dia. O objetivo não era exercer um poder amoral sobre as massas, o objetivo era forjar a minha própria jornada.

Já habituado à pressão e à correria da universidade comecei a enxergar alegrias em meio ao caos. As loucuras e o volume insano de atividades ao fim dos semestres não me paralisavam, passei a enxergar como mais uma fase que eu precisava superar. Falar sobre tais questões com o distanciamento do tempo pode gerar a falsa impressão no leitor que eu tenho a intenção de apresentar a minha jornada como uma coletânea de vitórias e delícias. Deixo claro que não se trata disso, pois seguir por esse caminho seria reduzir a complexidade de um percurso real, que tem como característica momentos de dores, frustrações, angústias e, por

vezes, ausência de sentido. Ao dizer isso, não quero apresentar apenas a afetação gerada por elementos negativos, ao contrário, tive momentos de alegrias colossais, de encontros memoráveis e de grandes acertos. Assim como Riobaldo, eu também vejo o mundo de maneira muito misturada⁵.

Por volta do quarto semestre da graduação, comecei a me aproximar de alguns temas e autores, que posteriormente se tornaram o meu campo de pesquisa. Lembro-me com muito carinho de uma aula de História da Filosofia Moderna, ministrada pela Professora Bruna Torlay Pires, na qual foi apresentada para a turma a perspectiva filosófica dos Contratualistas e todo os seus esforços teóricos para construir um modelo de Estado sem Deus no centro, uma perspectiva completamente distinta da Filosofia Medieval. Diante da brilhante aula sobre os aspectos que compõem as teorias de Hobbes, Locke e Rousseau, um detalhe me chamou atenção: como

⁵ Menção a uma fala da personagem principal da obra Grande Sertão: Veredas, escrita por João Guimarães Rosa.

Hobbes entendia o medo como um potente mobilizador político. Mal sabia eu que a pesquisa sobre o medo teria grande importância na minha vida acadêmica.

Ainda intrigado com as questões relacionadas ao medo, resolvi conversar com aquele que àquela altura era o meu professor de Filosofia Política, Laurenio Leite Sombra, a partir daí estabelecemos um diálogo e posteriormente formalizamos um vínculo de pesquisa. De novo a *Fortuna* me sorriu e a orientação realizada pelo referido professor foi de fundamental importância, visto que foi nesse momento que comecei a aprender os caminhos da pesquisa, também foi com ele que percebi que era necessário melhorar os processos de leitura e escrita. No decorrer dos semestres, fui pegando o jeito da pesquisa. Os prazos estavam sendo cumpridos, tudo corria bem e o primeiro capítulo da monografia ganhava forma.

4 UM FATO INESPERADO

Na madrugada do dia dezesseis de setembro de 2021, o meu padrasto faleceu na casa da

Re(senhas)

minha mãe. Lembro dos tons mórbidos desse momento, lembro da dificuldade em lidar com aquela situação, lembro de na noite anterior ter ido dormir construindo o texto da monografia e acordar com a ligação da minha mãe que, com a voz embargada, me comunicava a perda. Talvez tal fato nem devesse estar nesse texto, escrevo com certa dúvida, mas sinto que seria impossível falar da minha trajetória acadêmica e de vida sem levá-lo em consideração. Todo aquele cenário era traumatizante, doloroso e sem sentido. Dormir tentando fazer nascer um texto, uma pesquisa, um sonho; acordar com a notícia da morte de alguém tão próximo. Parecia uma piada de péssimo gosto, mas era apenas a crueza da vida mostrando a sua face sombria.

Como bem apontou Matias Aires, “sendo o termo da vida limitada, não tem limite a nossa vaidade; porque dura mais do que a nós mesmos e se introduz nos aparatos últimos da morte.” (Aires, 2020, p.13). Fazia-se necessário lidar com os aparatos últimos da morte, o velório, o cortejo e o enterro. As falas vazias, os olhares incrédulos, as pessoas tentando relembrar histórias com o

morto e a dor. Não a dor superficial e passageira, mas a dor intensa que atravessa o ser e anuncia que chegou para ficar por longo espaço de tempo. Dentre as várias dores reais daquele momento, uma me pareceu mais intensa, profunda e permanente: a dor da mãe. Eu nunca estive tão próximo das lágrimas de uma mãe que chora por um filho. Embora eu entendesse o sofrimento de todos ali presente, nada se assemelhava à intensidade daquela dor. Parecia-me que ela não representava uma dor particular, de alguma forma ela representava as dores do mundo.

Passado o período de reorganização física e mental, decidi voltar a escrever. Retomei o contato com o orientador, ele me tratou com a mesma gentileza que lhe é comum, e eu segui, mesmo cambaleando, a jornada da graduação. Passados alguns meses finalizei a monografia intitulada: *O medo e as suas faces na teoria de Thomas Hobbes*.

O grande foco da pesquisa estava centrado nas formulações hobbesianas sobre a relação medo e poder. A obra que foi a base da pesquisa foi o clássico *Leviatã*. No escopo desta obra, Hobbes define medo como “aversão ligada à crença de dano proveniente do

objeto” (Hobbes, 2003, p.51). Uma expectativa de mal, que age sobre todos os humanos de alguma forma. Vale ressaltar, ademais, que Hobbes entende tal afeto como um potente mobilizador político e, por isso, é parte estruturante do estado natural, do pacto social e o Estado civil⁶.

No estado natural, “O medo sem se saber por quê ou de quê chama-se TERROR PÂNICO” (Hobbes, 2003, p.52), se articula com a desconfiança e contribui para o cenário de guerra de todos contra todos. Mas o medo da morte violenta, associado ao *conatus* e à razão, conduz os humanos ao pacto que funda o Estado. Já no ambiente civil, o súdito, por temor, aceita a restrição da sua liberdade em troca da segurança. Desse modo, Hobbes aponta o medo como afeto estruturante dos três cenários.

⁶ Na obra *Leviatã*, o estado natural é definido como o período em que inexistia a organização social e o Estado. O pacto social é o acordo que permite o surgimento de Estado Civil e a sociedade. O Estado Civil, por sua vez, é marcado pela figura central do Soberano, que, por meio das leis e da restrição da liberdade dos súditos, consegue pôr fim ao conflito generalizado, marca do estado natural.

Após o fim da pesquisa, passei pelo processo de defesa oral do trabalho e conclusão de todas as disciplinas que faltavam. Em dezembro de 2021 terminei a graduação, mas até hoje uma parte específica do meu trabalho me chama à atenção, pois ela é a prova que o pesquisador é influenciado, mesmo que indiretamente, pelo contexto no qual está inserido. Vamos ao trecho:

A necessidade de uma nova organização aponta para a impossibilidade de equilíbrio das relações humanas em condição natural, cujo problema tem centralidade nas paixões. Nessa fotografia, elas são elementos constitutivos da doença que assola a todos (a guerra generalizada). Mas Hobbes não para por aí e as transforma em parte da cura: o pacto que possibilita a saída da guerra generalizada. Nesse sentido, ele opera uma verdadeira homeopatia, pois modula aspectos da doença para proporcionar a cura. Como num antídoto, que contém pequenas porções do veneno. O pavor, que motiva a desconfiança e joga contra a possibilidade de acordos duradouros, cede lugar ao medo que, articulado com a razão, conduz o homem ao pacto. O desejo desenfreado converte-se em desejo de uma vida tranquila e confortável, a qual só é possível no ambiente de paz. (Pereira, 2021, p.33)

A leitura do texto desarticulada do contexto vivido no momento da escrita, que é justa e válida- muitas vezes a única possível- capta apenas como uma estratégia a associação entre doença e cura para tentar explicar, dentro do modelo hobbesiano, o papel das paixões humanas no contexto de guerra generalizada e no pacto que orienta para a paz e para nascimento da sociedade e do Estado. Mas o contraste entre doença e cura, os tons desagradáveis da morte, faziam parte daquela realidade temporal. Hoje, penso nesse momento de maneira mais resignada e sei que o meu processo de cura esteve ligado à escrita, ao fazer nascer um texto em meio à dor da perda. Tal dualidade reflete as cores do mundo e, retornando a Riobaldo⁷, são cores misturadas.

5 O NOVO SEMPRE VEM

⁷ Menção à personagem da obra Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa.

Em junho de 2023 ingressei na Rede estadual de ensino do Estado de Pernambuco, quis o destino que eu fosse direcionado a lecionar em uma escola situada em uma região rural, algo que conecta o meu trabalho com a minha trajetória de vida. A referida escola se chama EREM Dom Hélder Câmara⁸, situada no distrito de Vermelhos, comunidade que pertence ao município de Lagoa Grande.

Meus primeiros passos como docente foram marcados pela empolgação e pela intensidade. Era e ainda é marcante para mim olhar para os discentes e reconhecer que há um tempo eu estava naquela situação: numa escola pública precária, mas motivado pelo sonho de ampliar os meus horizontes e poder escrever uma história menos sofrida do que a da minha família. Quando pontuo isso não quero projetar a minha história na jornada do meu aluno, ao contrário, quero ressaltar um dos papéis da escola, a saber, ser um lugar de construção de novas possibilidades; e destacar o professor como agente

⁸ Escola de Referência em Ensino Médio Dom Hélder Câmara, situada na comunidade de Vermelhos, município de Lagoa Grande- Pe.

transformador e incentivador dos sonhos. Não acredito numa educação pautada apenas no caráter quantitativo, bem como não acredito no fazer docente que não se conecta com a realidade concreta na qual está inserido.

Tendo tais aspectos em vista, comecei a pensar no desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado, a qual encaminhava-se para uma relação entre os aspectos teóricos, com os quais eu já me envolvia há alguns anos, e a relativa novidade do meu fazer docente. Sendo assim, essa construção desenrolava-se entre conceitos da Filosofia Política e uma reflexão sobre aspectos do ensino de Filosofia. Não sobre aspectos apartados da minha realidade prática, mas aspectos existentes dentro espaço educacional no qual eu exerço diariamente à docência. Abracei o fazer do professor pesquisador.

Como apontei anteriormente, as reflexões sobre o medo fazem parte do meu percurso de pesquisa, entretanto, diante de alguns elementos que notei no espaço educacional onde trabalho, julguei ser necessário algumas ampliações conceituais e teóricas para o desenvolvimento de uma nova pesquisa.

Foi nesse movimento que comecei a pensar sobre as formulações foucaultianas a respeito do *poder disciplinar*. Percebi que os fatos e as estruturas existentes naquele ambiente eram calibrados para gerar um clima de constante medo (em todos), porém, fazia-se necessário pensar de maneira detalhada naquela estrutura. Sobre poder disciplinar, Foucault afirma:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de apropriar e retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. (Foucault, 2014, p.167)

A entrada em fila, as grades, a organização das salas e o toque da sirene no começo e ao fim das aulas. Eu notava que o cenário de adestramento e de docilização coletiva contribuía para uma comunidade escolar que teme apresentar-se com qualquer tipo de postura que seja contrária à ordem estabelecida. Verificar tais marcas no ambiente em que trabalho me levou a desenvolver um projeto de pesquisa intitulado: *Ensino de Filosofia com forma de resistência ao medo e ao poder disciplinar*.

Re(senhas)

Com essa proposta de pesquisa participei da seleção do PROFFILO⁹ no ano de 2024 e consegui acessar o programa de Mestrado, no Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Campus Petrolina Zona Rural.

Desde a elaboração do projeto tenho a consciência do desafio de aliar na mesma pesquisa conceitos formulados por Hobbes e Foucault, visto que tais autores têm visões de mundo completamente distintas e pertencem a contextos políticos e históricos claramente separados. Decidi seguir por essa via interpretativa, porque não intento construir à força um cenário em que as teorias hobbesiana e foucaultiana sejam similares ou próximas, isso seria absurdo. O que pretendo é utilizar conceitos específicos dos dois autores para me ajudar a descrever a realidade do campo que eu pesquiso: A EREM Dom Hélder Câmara.

A nova caminhada a que me propus, apresenta as suas dificuldades, sobretudo porque tenho que lidar com as obrigações de docente e discente, mas me apresenta um

⁹ Programa de Mestrado Profissional em Filosofia.

caminho novo e fértil, cujo produto eu não compreendo totalmente. É salutar não entender todos os passos do caminho, é benéfico embarcar no fazer-se, na incompletude humana e da pesquisa. Encaro esse novo momento como alguém que está em busca de algo (que pode mudar) ao longo caminho. Não há uma finalidade rígida, não há um caminho previamente mapeado, o que há é a vontade de buscar evolução por meio da pesquisa e das aprendizagens somadas no percurso das aulas (tanto as que eu ministro quanto as que tenho o prazer de assistir).

REFERÊNCIAS

AIRES, Matias. *Reflexão sobre a vaidade dos homens*. Jandira: Principis, 2020.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução de Vera Ribeiro, São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes).

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhe. 42. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Re(senhas)



FREITAS, W. G. . HOBBS CONTRA AS AUTORIDADES LIVRESCAS. *Polymatheia - Revista de Filosofia*, v. 5, n. 8, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/6498>. Acesso em: 16 maio. 2025.

GIMBO, F. Uma arqueologia do mercado:: Foucault e o neoliberalismo como dispositivo biopolítico. *Kalápatos*, v. 14, n. 2, p. 145–163, 2021. DOI: 10.23845/kalagatos.v14i2.6270. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6270>. Acesso em: 16 maio. 2025.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MOOSBURGER, L. . SOBRE A CONTINUIDADE DO ESTADO DE NATUREZA NO ESTADO CIVIL EM HOBBS. *Polymatheia - Revista de Filosofia*, v. 3, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/6539>. Acesso em: 16 maio. 2025.

PEREIRA, R. J. *O medo e as suas faces na filosofia de Thomas Hobbes*. Feira de Santana: UEFES, 2021.

OLIVEIRA, E. A. . O conceito de dispositivo de sexualidade na obra foucaultiana a vontade de saber. *Kalágotos*, v. 12, n. 24, p. 89–108, 2021. DOI: 10.23845/kalagatos.v12i24.6165. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6165>. Acesso em: 16 maio. 2025.

Submetido em Maio de 2025

Aprovado em Maio de 2025